

A influência das línguas bantu no desenvolvimento do léxico de português em Angola

The influence of bantu languages on the development of portuguese lexico in Angola

75

Eduardo David Ndombele

Instituto Superior de Ciências de Educação - Angola

<http://orcid.org/0000-0002-5832-6391>

eduardondombele422@gmail.com

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo principal demonstrar a influência das línguas bantu no desenvolvimento do léxico da Língua Portuguesa em Angola, especificamente a língua kimbundu e kikongo falado nas Províncias de Malanje, Kuanza Norte, Luanda, Uíge, Zaire e Cabinda respectivamente, compreender o valor da interação das línguas Bantu com a Língua Portuguesa. Com a realização deste estudo compreendemos a importância que as línguas bantu de origem angolana têm na evolução do Português, contendo nela substratos em vários campos do saber, isto é, a nível da gastronomia, nos topónimos, antropónimos, nas interjeições, verbos e de um modo geral no vocabulário diário; O kimbundu é a língua onde emana um número de neologismos da Língua Portuguesa, que a comunidade linguística em Angola em geral tem utilizado como recurso de expressão do seu dia-a-dia como também em contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVES: Influência; léxico; Angola; Língua Portuguesa

ABSTRACT

The main objective of this article was to demonstrate the influence of the Bantu languages in the development of the Portuguese language lexicon in Angola, specifically the Kimbundu and Kikongo languages spoken in the Provinces of Malanje, Kuanza Norte, Luanda, Uíge, Zaire and Cabinda respectively, understanding the value of the interaction of the Bantu languages with the Portuguese language. With this study, we understand the importance that the Bantu languages of Angolan origin have in the evolution of Portuguese, containing substrates in various fields of knowledge, that is, in terms of gastronomy, in toponyms, anthroponyms, in interjections, verbs and a general mode in daily vocabulary; Kimbundu is the language that emanates a number of neologisms of the Portuguese language, which the linguistic community in Angola in general has used as a resource for expression in their daily lives as well as in the school context.

KEYWORDS: Influence; lexicon; Angola; Portuguese language.

1. Introdução

No presente trabalho iremos contextualizar a Língua Portuguesa em Angola. Veremos de forma muito profunda o contacto que ela teve com as línguas africanas de origem angolanas e as consequências que ela trouxe, a vantagem da transferência de culturas para o povo angolano com o português, o contacto linguístico permitiu uma enorme troca cultural e uma grande proximidade entre os povos.

A Língua Portuguesa entrou no território angolano através do processo de colonização. A chegada dos portugueses ao reino do Congo em 1482, ano em que o navegador Diogo Cão chegou a foz do rio Zaire, marcou o início dos contactos entre a cultura europeia e as culturas bantu. Sendo Angola um país multilíngue, as línguas nacionais ao terem o contacto com a língua estrangeira, acabaram por influenciar-se nos empréstimos lexicais e que de certa forma encontramos uma vantagem:

Os empréstimos lexicais podem ocorrer por diferentes razões, como a necessidade de um vocábulo para designar algo novo dentro da cultura que o está recebendo” ou por uma mera questão de influência na qual o empréstimo de uma língua a outra se dá mesmo já havendo o vocábulo correspondente na língua de destino (MOLINA, 2010 p.3).

Pretende-se compreender a influenciar das línguas bantu no contexto mosaico angolano que têm servindo de âncora para o desenvolvimento lexical da Língua Portuguesa na comunicação a nível do país. Tratando-se de uma sociedade pluralista, onde coabitam vários povos e línguas diferentes, a língua portuguesa tem vindo a realizar-se em situação de contacto de línguas angolanas de origem africana.

Embora não seja nosso objectivo descrever o português falado em Angola, o que, necessariamente, implicaria uma abordagem dialectológica, apresentamos alguns elementos que têm caracterizado a emergente variante do português angolano. O kimbundu será de entre as várias línguas africanas de Angola, o principal termo de comparação, não apenas por se tratar de uma das línguas de Angola com mais tradição académica (apesar do actual retraimento de uso sobretudo nos centros urbanos), mas também por nos parecer, no tecido sociolinguístico, aquela que mais influência tem exercido quer no português europeu, quer na própria variante do português angolano, nos vários níveis de descrição linguística, fundamentalmente no enriquecimento lexical.

O termo bantu foi usado pela primeira vez em 1862 pelo Wilhelm Bleek, na altura o investigador alemão referia-se ao conjunto das línguas faladas no corredor que compreende África do Sul até a República Unida dos Camarões na África subequatorial. Essas línguas apresentam características comuns, primeiro porque para se, designar o ser humano no contexto geral nessas línguas usa-se a palavra muntu (singular) e bantu (plural) tratando-se de línguas bantu, refere-se às

línguas faladas com semelhanças de estruturas morfossintáticas, fonéticas, semânticas, lexicais e culturais.

A compreensão da designação de línguas bantu insinua um recuo no tempo. Situemo-nos, por ora, no século XIX e destaquemos, para o efeito, o nome de Wilhelm H. I. Bleek, teólogo alemão. O século XIX é importante na história das línguas bantu, pois, tal como na Europa se procura estabelecer as genealogias linguísticas a partir da comparação entre línguas (comparativismo), em África, por influência dos ecos do método comparativista, alguns linguistas europeus interessam-se em questões linguísticas africanas. No caso das línguas do ramo bantu, um dos passos mais significativos foi dado por Bleek, no estudo comparativo dos sistemas de classes de quatro línguas do sul de África - *herero*, *sotho*, *tswanaewhosa*, em 1851. A partir de então, a história reservou-lhe o lugar de precursor do termo bantu. NZAU (2014, p.56).

Angola é constituído maioritariamente por povo bantu Redinha (1975) classificou as línguas bantu em 9 grupos principais, nomeadamente: 1. Língua cokwe; 2. Língua kimbundu; 3. Língua kikongo; 4. Língua ngangela; 5. Língua olunyaneka; 6. Língua oshihelero; 7. Língua ovakwanyama; 8. Língua oshindonga; 9. Língua umbundu. Estudos feitos por Chicuna (2014) e outros autores sustentam que as línguas bantus possuem características que as distinguem das línguas latinas. Os nomes são caracterizados pela prefixação dos morfemas flexionais; O sistema das línguas bantu apresenta um sistema de classes que se encontra caracterizado por vários prefixos nominais, que indicam o singular e o plural sendo que cada classe corresponde a um número; Os nomes classificam-se em função dos seus prefixos do singular e do plural; O uso do tom pela maioria das línguas bantu. O tom é a variação de altura no interior de um mesmo lexema que permite a oposição de duas unidades lexicais de sentido diferente, mas com o mesmo contexto fonético; O sistema vocálico é simétrico: comporta uma vogal central (a), duas vogais anteriores (i, e) e duas vogais posteriores (u, o); As consoantes orais precedidas de consoantes nasais formam grupos indivisíveis; Não existem artigos nas línguas bantu.

Aspectos históricos da Língua Portuguesa em Angola

A expansão portuguesa começou em 1415, com a conquista de Ceuta, a cidade islâmica localizada no norte de África, pelo então rei de Portugal Dom João I. Em 1482, os portugueses queriam encontrar novas rotas comerciais para poder enriquecer ainda mais o mercado Europeu. D. João II enviou suas tropas lideradas pelo navegador português Diogo Cão que estavam a caminho da Índia e, por acaso, foram parar no território de um dos sub-reinos do reino do Kongo.(SETAS apud DE ALMEIDA 2013).

Com a chegada dos portugueses ao reino do Congo em 1482, ano em que o navegador português Diogo Cão chegou à foz do rio Zaire, marcou o início dos contactos entre a cultura europeia e as culturas bantu. Avançando ao tempo colonial, entre 1575 e 1592, avalia-se que desembarcaram aproximadamente 2340 portugueses, mas somente 300 permaneceram em Luanda. Até 1592, 450

teriam sido vítimas de guerras ou doenças, e o restante se fixou no interior do país, onde aprendeu as línguas nacionais e suas culturas. Muitos destes portugueses, por falta de um bom número de mulheres europeias, tiveram filhos de escravas angolanas e estes filhos foram criados por essas escravas, que lhes ensinavam as línguas maternas. Dentre 1620-1750, o kimbundu era a língua nacional mais falada em Luanda (SANTOS, apud DE ALMEIDA, 2013). O português era uma língua fraca, usada somente entre chefes e comerciantes.

A maioria da população se comunicava em kimbundu. Essa língua nacional era usada na vida cotidiana do luandense, até mesmo a elite afro-portuguesa que ocupava as posições-chave do governo também tinha um bom conhecimento de kimbundu. No início, o português tentou equilibrar esse convívio entre as línguas kimbundu e português, sendo que em Luanda habitavam pessoas de várias tribos, que conviviam juntas e se comunicavam em kimbundu, a língua nacional que dominava a capital do país. Mas essa tentativa não obteve muito sucesso.

A cultura e língua dos portugueses só conseguiram aprofundar-se na capital através de políticas agressivas que simplesmente impuseram uma nova língua e cultura ao cidadão luandense. Foi durante essa época que começou o império português em Angola.

E, apesar de se datar a fundação da cidade de Luanda no séc. XVI, durante os três séculos, pouca foi a difusão e o uso do português como língua de comunicação. Mesmo quando “em 1765 o governador Sousa Coutinho emitiu um decreto que obrigava os pais a utilizarem português em casa, na educação dos seus filhos e no contacto com os escravos”, não se registou grande aumento no número de falantes da língua portuguesa, já que “os portugueses eram ainda muito poucos para imporem sua língua” (GASPA, 2015).

Durante a época colonial era proibido falar a língua local, à exceção da portuguesa. Os colonizadores impunham e injectavam a transmissão de valores culturais nas mentes da gente local. Isto só era possível, através da subordinação e imposição que pressupunham a estima dos valores alheios em detrimento dos próprios.

A administração portuguesa de então procurou subordinar a população autóctone aos interesses e ideologias coloniais, reprimindo o uso das línguas, através da promulgação de leis e decretos como n.º 77 de 1921.

Em 1921, Norton de Matos, Governador-geral de Angola, publicou um Decreto nº 77, que proibia o uso das línguas locais dentro do território colonial:

Artigo 1º, ponto 3: É obrigatório, em qualquer missão, o ensino da língua portuguesa;

ponto 4: É vedado o ensino de qualquer língua estrangeira;

Artigo 2º: Não é permitido ensinar, nas escolas de missões, línguas indígenas;

Artigo 3º: O uso de língua indígena só é permitido em linguagem falada na catequese e, como auxiliar, no período do ensino elementar de língua portuguesa (SERROTE, 2015).

Esta medida emitida pelos governantes coloniais agravaram a situação linguística nacional. Mas, muitos missionários Protestantes e Católicos estavam convencidos que o uso do *Kimbundu* era necessário para a evangelização.

Mingas (2002) chegou mesmo a afirmar que “os portugueses substituíram os elementos autóctones pelos estrangeiros” até mesmo os antropónimos. Entretanto, com todo o mecanismo imposto na implantação de uma cultura alheia, o *Kimbundu* coexistiu durante vários séculos com o Português. Há toda uma tradição acumulada de valores culturais que nos são transmitidos pela fonte oral. Por isso, a língua Portuguesa não se fixou em todo o território angolano, porque estava limitada aos assimilados, isto fez com que, nas zonas rurais, as línguas locais permanecessem intactas.¹

Porém, a língua portuguesa não conseguiu fixar-se em todo o território, já que apenas uma minoria tinha acesso a escolarização e a população angolana continuava a resistir ao uso da língua, principalmente nas zonas rurais, permanecendo as línguas nacionais intactas e vivas. Só a partir da década de 1959, com o afluxo massivo de colonos portugueses e as deslocções massivas angolanas do campo para as cidades com o início da luta pela independência, um sector significativo da população começou a ter contacto frequente com o português e necessidade de o aprender. Esta necessidade de domínio da língua portuguesa estava assente, essencialmente, no desejo dos autóctones de aceder a um estatuto socioeconómico mais próximo do colono, ao adquirir o estatuto de «assimilado». “O bom conhecimento da língua portuguesa era a condição mais importante para aceder a qualquer cargo de destaque na sociedade colonial. (GASPAR, 2015).

(...) não se podia escolher uma língua nacional para a comunicação porque seria criar desde logo uma hegemonia dialectal em termos de união para um mesmo objectivo. A necessidade de intercomunicação impunha o uso do português, idioma neutro em relação às línguas nacionais e garantia a unidade com um só idioma para todos”. (SERROTE, 2019, p.19)

O Kimbundu

O *Kimbundu* pertence à família das línguas africanas designadas por Bantu. O kimbundu tem influência de dois grupos linguísticos, o Khoisan e o bantu. A explicação é simples, o Khoisan veio de uma tribo africana que durante uma fase da história da África foi considerada uma das tribos mais fortes que já existiu no continente. A tribo Khoisan é descendente de uma família de grupos étnicos que habitavam na região sudoeste de África e que tem alguns atributos físicos e linguísticos que foram assimiladas por vários grupos bantu.

O kimbundu é a língua tradicional que predomina na cidade de Luanda e é falada por aproximadamente três milhões de habitantes angolanos. O kimbundu, como outras línguas bantu, até

¹Citado por Serrote, Antroponímia da Língua Kimbundu em Malanje 2015, p.19

então não tinha tradição escrita, por causa do Decreto de 9 de Dezembro de 1921, que interrompeu o ensino de qualquer língua nacional com excepção do português.

É proibido o emprego das línguas indígenas ou qualquer outra, à excepção do português, por escrito ou por panfleto, jornal, na catequese das missões, nas escolas e em escolas e em todos os contactos com as populações locais... (Gaspar 2015, p.18).

O kimbundu passou a ser estudado por volta do século XIX e XX, quando Héli Chatelain, Cordeiro da Matta, António de Assis Júnior e Óscar Ribas iniciaram seus estudos sobre a língua. Angola é habitada por vários grupos étnicos. O que faz com que seja um país multilingue. O *Kimbundu* é uma língua falada nas províncias de Malanje, Kwanza Norte, Luanda e Bengo. Mas encontramos pequenos grupos *Kimbundu* nas zonas fronteiriças ao Sul das províncias de *Uíge* e do *Zaire*, ao Norte da província do *Kwanza Sul*. É a língua dos *Akwa Kimbundu* que vivem numa extensão que se estende entre o mar e o rio *Kwangu* (MINGAS, 2000).

Características do Kimbundu

A língua Portuguesa e *Kimbundu* apresentam duas realidades culturais diferentes. A língua Portuguesa pertence às línguas neolatinas e o *Kimbundu* às línguas Bantu. Isto faz com que tenham características diferentes. Nas línguas bantu, no que diz respeito à fonética, não existem os verdadeiros ditongos. Ocorrem contudo alguns agrupamentos de certas vogais que originam sons completamente diferentes do Português. O fonema [r] é quase nulo, encontrando-se apenas nalgumas línguas, como o Herero. (MUDIAMBO, 2014).

Em *Kimbundu* substitui-se a grafia do [r] por [l]. Ex.: o vocábulo *Carro* tido como como portuguesismo na língua kimbundu, escreve-se assim: *Dikalul/Makalu*.

Quando se torna necessário distinguir entre o masculino e o feminino, faz-se seguir, tratando-se de pessoas, o substantivo que se quer definir da palavra *dyala*, homem, para o masculino, e da palavra *muhatu*, mulher, para o feminino. As palavras *dyala* e *muhathu* concordam com o substantivo por meio do prefixo concordante; por ex.: *Mulambi wa dyala*, o cozinheiro; *mulambi wa muhathu*, a cozinheira.

Tratando-se de animais, utilizam-se as palavras *ndumbi*, macho e *mukaji*, fêmea. As palavras *ndumbi* e *mukaji* concordam com o substantivo por meio do prefixo concordante; por exemplo: *Imbwa ya ndumbi*, o cão; *imbwa ya mukaji*, a cadela (SERROTE, 2015,). Nesta língua não existem pronomes relativos, nem determinantes artigos.

As dez (10) Classes de Prefixos

No *Kimbundu* os nomes comuns são caracterizados por prefixos que indicam o singular e o plural. Porém, uma das diferenças linguísticas que opõem o Português ao *Kimbundu* reside no modo como se processa a pluralização do nome. Na língua Portuguesa a flexão ocorre no final da palavra, como na maioria das línguas indo-europeias, mas em *Kimbundu* verifica-se no início. Se em Português ocorre o morfema –s como estrutura fundamental de pluralização do nome, em *Kimbundu* observa-se a ocorrência de diversos morfemas: *imbua/jimbua* (cães), *dibitu/mabitu* (portas), *tubia/matubia* (fogos), *ndandu/jindando* (famílias), *ngulu/jingulu* (porcos), *ngombe/jingombe* (bois), *mbolo/jimbo* (pães), *mbonzo/jimbonzo* (batatas), *hombo/jihombo* (cabras), *kinama/inama* (pernas), *muxi/mixi* (árvores), *kaditadi/tuditadi* (pedrinhas). (Idem, 2015,).

Existem dez (10) prefixos que variam do singular para o plural e que determinam dez classes diferentes. Estes prefixos têm grande importância porque determinam a concordância entre as diferentes palavras. Os prefixos indicam o número e a classe a que pertence o substantivo que pertencem.

Classes	Singular	Exemplos	Plural	Exemplos
I	MU-	Muthu (pessoa)	A-	Athu (pessoas)
II	MU-	Mutwe (cabeça)	Mi-	Mitwe (cabeças) A semivogal /u/ é representada por /w/
III	KI-	Kima (coisa)	I-	Ima (coisas)
IV	DI-	Ditadi (pedra)	MA	Matadi (pedras)
V	U-	Wanda (rede)	MAU-	Mawanda (redes)
VI	LU-	Lumbu (muro)	MALU-	Malumbo (muros)
VII	TU-	Tuya (fogo)	MATU-	Matuya (fogos) A semivogal /i/ é representada por /y/
VIII	KU-	Kudya (comida)	MAKU-	Makudya (comidas)
IX		Mbudi (ovelha)	JI-	Jimbudi (ovelhas)
X	KA-	Kafunga (pastor)	TU-	Tufunga (pastores)

Quadro n:1 fonte: (Serrote, 2015)

Grau diminutivo e aumentativo

Segundo Heli Chatelain (1888) afirma que geralmente na língua Kimbundu para o grau diminutivo utiliza-se o prefixo “Ka” e para o grau aumentativo utiliza-se o prefixo “Ki”. A formação do plural para os dois graus a regra é a mesma, isto é, funciona com o prefixo “Tu”. Os exemplos que se seguem, as palavras são precedidos com os prefixos “Ka” para o grau diminutivo, para o grau aumentativo com o prefixo “Ki” e para a pluralização apresentamos o prefixo “Tu”.

Grau diminutivo	
Singular	Plural
Kangombe (boizinho)	Tungombe (boizinhos)
Kasanji (galinha pequena)	Tusanji (galinhas pequenas)
Kahombo (cabrinha)	Tuhombo (cabrinhas)
Kalumba (rapariguinhas)	Tulumba (rapariguinhas)
Kandenge (rapazinhos)	Tundembe (rapazinhos)
Kanzamba (elefantezinho)	Tunzamba (elefantezinhos)

Grau aumentativo	
Singular	Plural
Kingombe (boizão)	Tungombe (boizões)
Kisanji (galinhona)	Tusanji (galinhonas)
Kihombo (cabrona)	Tuhombo (cabronas)
Kilumba (raparigona)	Tulumba (raparigonas)
Kindenge (rapazão)	Tundembe (rapazões)
Kinzamba (elefantão)	Tunzamba (elefantões)

(Nossa adaptação)

Kimbundismos na Língua Portuguesa

Da interacção da Língua Portuguesa com a língua Kimbundu surgiu os neologismos denominado de **Kimbundismos**. O kimbundu assume, um papel preponderante no universo das línguas nacionais de origem africana, por ser, de longe, a língua de onde emana a maior quantidade

de neologismos (angolanismos) presentes quer no português de Portugal), quer no do Brasil, muitos dos quais a conquistar novos espaços na diáspora.

Kimundu	Lexicalização em Português	Significado em Português
Kubaza	<i>Bazar</i>	Ir-se embora
Kuzunga	<i>Zungar</i>	Deambular
Kubungula	<i>Bungular</i>	Amaldiçoar
Kuxingila	<i>Xinguilar</i>	Agitar-se

Quadro n:4

kimbundismos unidades lexicais do Kimundu integradas na Língua Portuguesa.

Vocábulos do dia-a-dia

Kimundu	Lexicalização em português	Significado em português
Kalundu	<i>Calundú</i>	Espírito, nervos
Imbamba	<i>Imbambas</i>	Cargas; pacotes; embrulhos; coisas
Kuxoxo	<i>Muxoxo</i>	Chio de boca manifestando desprezo
Kamabuinhi	<i>Camabuínhi</i>	Pessoa que não tem dentes
Jingongo	<i>Jingongo</i>	Gêmeos
Kazukuta	<i>Cazucuta</i>	Dança com muito ritmo e pouca melodia
Dikamba	<i>Camba</i>	Amigo, pessoa chegada
Kandandu	<i>Candandu</i>	Abraço
Mbunda	<i>Bunda</i>	Nádegas
Kilapi	<i>Quilapi</i>	Crédito
Kimbu	<i>Banda</i>	Pequena povoação; aldeia
Ka suluka	<i>Cassule</i>	Filho mais novo
Kuzongola	<i>Zongola</i>	Difamador; Difamadora
Dikota	<i>Cota</i>	Pessoa adulta; mais vela
Kuzunga	<i>Zungueiro (a)</i>	Ambulante
Kambuta	<i>Cambuta</i>	Pessoa de baixa altura
Maka	<i>Maca</i>	Problema
Ngungu	<i>Ngungu</i>	Alguém
Nguvulu	<i>Nguvulu</i>	Pessoa responsável, diplomata
Kubata	<i>Cubata</i>	Casota
Kandongga	<i>Candongueiro</i>	Negociante
Kandegge	<i>Ndengue</i>	Rapazinho

Quadro n:5

Gastronomia

Kimbundu	Português	Significado
Mbombo	<i>Bombó</i>	Mandioca que descascada ou não, conforme a região, fica de maceração uns quatro dias, podendo ser seca ao sol ou não, também conforme a região.
Funji	<i>Funge</i>	Massa cozida de farinha, denominada fuba, geralmente de mandioca.
Jindungu	<i>Gindungo</i>	Picante; Malagueta.
Fuba	<i>Fuba</i>	Farinha de Bombó proveniente da mandioca.
Kabuenha	<i>Cabuenha</i>	Peixinhos
Jinguba	<i>Jinguba</i>	Amendoim
Mwamba	<i>Muamba</i>	Amendoim moído
Kizaka	<i>Quizaca</i>	Folhas comestíveis
Tlutulhu	<i>Cogumelo</i>	Legume
Jimboa	<i>Jimboa</i>	Folhas comestíveis
Ndende	<i>Dendém</i>	Fruto
Kyabu	<i>Quiabo</i>	Legume
Gajaja	<i>Gajaja</i>	Fruto
Jingenga	<i>Jinguenga</i>	
Kakusu	<i>Cacusso</i>	Peixe avermelhado
Kahombu	<i>Kahombo</i>	Picante/malagueta grande
Dizulu	<i>Dizulo</i>	Pequenas folhas que se põe no feijão para ter mais gosto

Quadro n:6

Nomes com o prefixo Ka e Ki

Como já vimos na abordagem anterior, isto é, no primeiro capítulo o prefixo *Ka* em kimbundu para além de unir-se aos nomes da classe dez (X) serve também para designar o grau diminutivo ou seja, tem o valor de diminutivo como já abordamos noutra no primeiro capítulo. No Sector de Quitumbo este prefixo foi transportado ao português para designar o grau diminutivo de alguns nomes do léxico da Língua Portuguesa. Ainda verificamos alguns nomes em português para a sua designação no grau aumentativo, utilizam o prefixo *Ki*. Dizer que estes vocábulos pelo que constatamos são apenas apresentados no plano fonético (oral), só em kimbundu é que são apresentados no plano fonético e escrito. Temos alguns exemplos.

Prefixo Ka		Prefixo Ki	
Nome	Significado	Nome	Significado
<i>Kaperna</i>	Pezinho	<i>Kiperna</i>	Pernaça
<i>Kapeixe</i>	Peixinho	<i>Kipeixe</i>	Peixão

<i>Kapedra</i>	Pedrinha	<i>Kipedra</i>	Pedrona
<i>Kapau</i>	Pauzinho	<i>Kipau</i>	Pauzão
<i>Kaunha</i>	Unhinha	<i>Kiunha</i>	Unhaço
<i>Kapratu</i>	Pratinho	<i>Kiprato</i>	Pratão
<i>Kacasa</i>	Casota	<i>Kicasa</i>	Casarão
<i>Kadedu</i>	Dedinho	<i>Kidedo</i>	Dedão

Quadro n:7 Fonte: Falantes do kibundu

Prefixo “TU”

Geralmente na língua Kimbundu para o grau diminutivo utiliza-se o prefixo “Ka” e para o grau aumentativo utiliza-se o prefixo “Ki”. A formação do plural para os dois graus a regra é a mesma, isto é, funciona com o prefixo “Tu”. É o que aconteceu com algumas palavras no português do grau diminutivo e aumentativo nesta localidade.

Pluralização		
Nome	Significado	
<i>Tuperna</i>	Pezinhos	Pernaças
<i>Tupeixe</i>	Peixinhos	Peixões
<i>Tupedra</i>	Pedrinhas	Pedronas
<i>Tupau</i>	Pauzinhos	Pauzões
<i>Tu-unha</i>	Unhinhas	Unhaços
<i>Tupratu</i>	Pratinhos	Pratões
<i>Tucasa</i>	Casotas	Casarões
<i>Tudedu</i>	Dedinhos	Dedões

Quadro n:8 (Nossa adaptação) Fonte: Falantes do kimbundu

Verbos

Kimbundu	Lexicalização em Português	Significado em Português
Kubaza	<i>Bazar</i>	Ir-se embora
Kuzunga	<i>Zungar</i>	Deambular
Kubungula	<i>Bungular</i>	Amaldiçoar
Kuxingila	<i>Xingular</i>	Agitar-se
Kufimba	<i>Fimbar</i>	Mergulhar
Kubumba	<i>Bumba/Bumbar</i>	Trabalho/Trabalhar

Kubanza	<i>Banzelar</i>	Pensar
---------	-----------------	--------

Quadro n:9

Quivuna, (2014) apresenta alguns, vocábulos de Kikongo que foram inseridos no léxico português (aportuguesados) ao longo do tempo através do contacto permanente entre as línguas no território nacional, adquirindo inclusive a forma gráfica em português em muitos casos. É o caso das palavras:

*Fúmbua; ginginga; gindungo; kikuanga; kassumuna; luando; muteta; muengueleca; muamba; mambo; malavo/maruvo; maquesso; macassiquila; mualacazi; quinguila; safú.*²

Naturalmente, também o inverso sucede-se, ou seja, muitos vocábulos portugueses também foram ‘quiconguizados’, tal como o autor os expõe nas páginas seguintes:

Balota (barrote); *dyuvulu* (livro); *fwatu* (fato); *fyebele* (febre); *kopo* (copo); *kalu* (carro); *luzu* (luz); *lumatu* (tomate); *litulu* (litro); *loso* (arroz); *nela* (anel); *zyantala* (jantar); *zaka* (casaco).

Kikonguismos			
Nº	Kikongo	Português	Exemplos
1	Kuanga	Funge enfolhado	Dá-me um kikwanga , por favor.
2	Nsafu	Fruta: safú	Compra-me alguns safus
3	Lunguila	Bebida	Este litro de lunguila é seu
Portuguesismos			
Nº	Portugues	Kikongo	Exemplos
1	Saia	Saia (roupa)	U´nvani saia dimosi
2	Mesa	Meza	Meza mambete tusumbidi
3	Vinho	Vinu	E yoyo e vinu atomene yo zola

Quadro 10

Conclusão

Como vimos, a Língua Kimbundu serve de âncora no desenvolvimento do léxico da Língua Portuguesa em Angola. Não restam dúvidas que o kimbundu tem um grande papel de substrato na língua portuguesa deixando cada vez mais marcas nela. Hoje, a Língua Portuguesa em Angola está cada vez mais enriquecer-se no seu aparato lexical tendo marcas específicas de angolanidade.

A Língua Portuguesa, tendo em conta o seu estatuto, tem sofrido uma influência muito forte do Kimbundu. Em consequência, a língua portuguesa incorpora no seu léxico muitas palavras provenientes de *Kimbundu* e kikongo distribuídos por vários campos domínios, tais como:

² Respectivos significados dos vocábulos de Kikongo que aderiram ao português, disponíveis em: QUIVUNA, Manuel: O Ensino de Português em Contexto Bilíngue/Plurilíngue Angolano – Sete Estudos. Lisboa: Colibri – Artes Gráficas. (2014, p. 35)

Antroponímia, Gastronomia, Toponímia, Verbos, Interjeições e Vocábulos do dia-a-dia. Todavia, os *kimbundismos* fazem parte do Português e são de uso muito frequente pelos falantes do Português, apesar de ainda não estarem dicionarizados.

Com esta pesquisa perceberemos a tamanha importância que as línguas nacionais têm não só para fins comunicativos, mas também na interação com outras línguas no caso específico da Língua Portuguesa, perceberemos que o contacto entre línguas trás várias consequências como mudanças linguísticas e os empréstimos lexicais.

Referências bibliográficas

CHATELAIN, Heli. **Gramática Elementar do Kimbundu ou de Angola**. GENEBRA, 1888-89.

CHICUNA, Alexandre Mavungo. **Portuguesismos nas línguas bantu**, Lisboa, Edições Colibri, 2014.

DA COSTA, Teresa Manuela Camacha José. **Umbundismos no Português de Angola**. Proposta de um Dicionário de Umbundismos, Abril de 2015.

DE ALMEIDA, Lisandra Kwami Gomes. **A Interferência do Kimbundu na Língua Portuguesa Falada em Luanda**. Rio de Janeiro, 2013.

GASPAR, Sofia Isabel Nunes Fernandes. **A Língua Portuguesa em Angola: Contributos para uma metodologia de Língua Segunda**, 2015.

GONÇALVES Rodrigo Tadeu, BASSO Renato Miguel. **História da Língua Portuguesa**. Florianópolis, 2010.

JUNIOR, A. de Assis. **Dicionário de Kimbundu-Português**. Edição Argente, Santos e C. Lda Luanda, 1967.

MOLINA, Daniele de Sousa Leite. **Empréstimos no Campo Lexical: A Contribuição do Português para o Léxico da Língua Inglesa**, sd.

MUDIAMBO, Quibongue. **Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de aprendizagem (aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa**. Curso, 1ª Edição. Edições Colibri, Lisboa: Gráfica do Uíge, 2014.

NETO, Conceição Garcia. **O Perfil Linguístico e Comunicativo dos alunos da Escola de Formação de Professores “Garcia neto”** (Luanda - Angola). Lisboa, 2009.

QUIVUNA, Manuel, **O Ensino de Português em Contexto Bilingue/Plurilingue Angolano**. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

REDINHA, José. **Distribuição Étnica de Angola, Luanda**: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1971.

SERROTE, João Major. **Antroponímia da Língua Kimbundu em Malanje**. Abril, 2015.

UNDOLO, Márcio Edu da Silva. **Caracterização da Normado Português em Angola**. Évora, Agosto de 2014.

ZAU, Domingos Gabriel Dele. **A Língua Portuguesa em Angola**: Contributos para o estudo de sua nacionalização. Cavilhã, 2011.